

Empresários criticam falta de números e de novidades em plano

Do Rio

De modo geral, os empresários presentes ao anúncio oficial do Plano estratégico do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para o período 2000/2005, não viram novidade no pronunciamento de Fernando Henrique, que decepcionou por não citar números. Alguns políticos do PSDB, que preferiram não se identificar, lamentaram o fato e consideraram que “o governo perdeu uma bela oportunidade para captar apoio neste interregno do segundo turno das eleições municipais, deixando de anunciar hoje (ontem) o Plano completo do BNDES. “O governo atua como uma galinha, ciscando para fora e deixa assim de juntar suas boas iniciativas”, avaliou a fonte.

Algumas prioridades do banco, reafirmadas no Plano, preocuparam um pouco os indus-

triais, pelas dificuldades que apresentam em se concretizar, como é o caso da busca de funding via mercado de capitais. Carlos Eduardo Moreira Ferreira, presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI) e deputado federal (PFL-SP) questiona como o mercado de capitais vai ter um papel importante no financiamento junto com o BNDES dos projetos de investimento das empresas dada a existência do CPMF taxando todas as operações neste mercado. E indagou ainda de como será possível a desoneração do setor produtivo de carga fiscal se o governo não está empenhado na reforma tributária.

“Um projeto bem montado”, classificou Horácio Lafer Piva, presidente da poderosa Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). Ele destacou que “se o governo cumprir o que disse o presidente da república, de que o banco

vai financiar a exportação de toda a cadeia produtiva, atenderá a uma antiga reivindicação dos empresários, que é a criação de uma política industrial”.

A seu ver, a prioridade dada às exportações deve estimular as vendas externas concedendo financiamento à produção. É mais importante do que financiar as vendas, declarou, advertindo que “está na hora do BNDES se unir ao Banco do Brasil para formar uma espécie de eximbank brasileiro”.

Algumas prioridades reafirmadas por Fernando Henrique, como o apoio do banco à reestruturação industrial para formar global players, caíram como música para alguns ouvidos. Moisés Rabnovicht, do grupo Vicunha, que tem um braço siderúrgico, a Vicunha Siderurgia, também não se surpreendeu com a fala de FHC. “Estava tudo dentro do esperado”. Mas aplaudiu quando o

presidente destacou que a reestruturação é fundamental para criar multinacionais brasileiras. Ele considera “obrigação do banco” participar da reestruturação industrial que começou com a siderurgia (descruzamento Vale e CSN) e vai continuar com outros setores, papel e celulose citado por Fernando Henrique, junto com a petroquímica.

O diretor presidente do Grupo Ultra, Paulo Cunha, nesta mesma linha, elogiou o novo programa, lembrando que o BNDES sempre teve capacidade de se adaptar às necessidades da economia ajustando a elas suas prioridades. “O Plano é muito oportuno pois destaca hoje a área social e a produção industrial”. Arthur Sendas, presidente do Grupo Sendas, não viu novidade na fala de FHC. “Não teve novidades, mas aplaudindo a ênfase no social.”

(Cristina Calmon, Francisco Góes e Vera Saavedra Durão)



Fernando Henrique: propostas sem prazo para execução